

**Carta circular na Solenidade de S. José, esposo da Bem-aventurada Virgem Maria**

**“CONSTRUIR A FRATERNIDADE MONFORTINA  
NA NOVA NORMALIDADE”**

*Caros Religiosos Irmãos,  
Caros irmãos todos.*

Por ocasião da Solenidade de São José, como fiz em anos anteriores, envio-vos uma saudação muito cordial em forma de *"carta circular"*. Espero que cada um de vós esteja bem de saúde, feliz na vida comunitária e entusiasmado na missão, especialmente neste tempo prolongado de pandemia.

A Solenidade de São José ocupa um lugar muito especial na minha vida. Embora a nossa paróquia, em São Paulo onde nasci, tenha sido dedicada à Virgem Maria com o título *"Nossa Senhora do Retiro"* e a sua festa patronal se celebrasse a 15 de agosto, a festa de São José era, no entanto, a mais concorrida, a melhor preparada. Na paróquia havia a "Irmandade de São José", cujo objetivo específico era *"rezar pelas vocações sacerdotais"*; a minha primeira catequista era a responsável, e a minha mãe também fazia parte dessa Irmandade, que se reunia todas as quartas-feiras na igreja para rezar pelas vocações. Graças a estas constantes orações, temos vários sacerdotes daquela paróquia, sendo eu um deles. Obrigado São José!

Creio que esta carta não traz muitas novidades, no entanto, quer ser um convite a meditar na *"construção da fraternidade monfortina"* num tempo de passagem da pandemia para um novo tempo que estão chamando *"nova normalidade"*. Na Igreja, nossa Igreja Católica, este tema aparece especialmente nos últimos escritos do Papa Francisco, na encíclica *"Fratelli Tutti"* e no documento do anúncio do *"Ano dedicado à proteção de São José"*. Foram estes dois documentos e um lindo artigo do P. Giovanni Bigoni, missionário monfortino no Peru: *"Construindo uma comunidade fraterna"*, que me inspiraram a escrever esta mensagem a toda a Companhia de Maria, mas especialmente aos religiosos Irmãos Monfortinos.

***Quando a realidade nos obriga a reconhecer que somos todos irmãos***

É impossível ler estes dois documentos do Santo Padre sem lembrar os *Religiosos Irmãos da Companhia de Maria*, porque também eles souberam manter o vínculo da fraternidade *"com sabor a Evangelho"*, como propunha São Francisco de Assis e como nos recorda o Papa Francisco (*Fratelli Tutti*, 1); mesmo quando eram desprezados por alguns clérigos. Infelizmente, alguns clérigos não conseguiram reconhecer que o que nos mantém no mesmo nível é que somos todos discípulos de Jesus Cristo sob a inspiração de S. Luís Maria de Montfort na Companhia de Maria. Na verdade, radicalmente, desde as nossas origens, mesmo que tenhamos ministérios diferentes, somos todos irmãos.

O Papa Francisco é um homem muito atento à realidade, sensível a atitudes que podem ser fonte de alegria, embora reconheça que existe um grande risco no mundo atual: *"O grande risco do*

*mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem.” (Evangelii Gaudium, 2)*

São as atitudes que nascem da "alegria de evangelizar" que podem ser eficazes na construção da fraternidade: *"Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: "A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros". Isto é, definitivamente, a missão". Consequentemente, um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, "a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo" (Evangelii Gaudium, 10).*

O Papa Francisco está também muito atento às realidades que causam dor e tristeza entre as pessoas; algumas causadas pelo próprio ser humano, outras provocadas por situações inesperadas como *"a pandemia do Covid-19 que deixou a descoberto as nossas falsas seguranças"* (Fratelli Tutti, 7). Uma das falsas seguranças não está no poder político ou no dinheiro, mas no orgulho que nos pode cegar e no sentimento de superioridade em relação às outras pessoas. Jesus Cristo alertou os seus discípulos para o risco do desejo de poder que isola a pessoa e é fonte de conflitos e de muita tristeza: *"Tiago e João ... foram ter com Jesus e disseram-lhe: 'Mestre, queremos que nos faças o que te vamos pedir'. Jesus perguntou: 'O que quereis que vos conceda? Eles responderam: Quando estiveres na glória, deixa-nos sentar um à tua direita e o outro à tua esquerda ... Quando os outros dez discípulos ouviram isto, começaram a ficar com raiva de Tiago e João. Jesus chamou-os e disse: "Sabeis como aqueles que se dizem governadores das nações têm poder sobre elas, e os seus dirigentes exercem sobre elas a sua autoridade. Mas entre vós não deverá ser assim: quem de vós quiser ser grande, deve tornar-se vosso servidor, e quem de vós quiser ser o primeiro, deverá tornar-se servo de todos. Porque o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos" (Mc 10, 35-45).*

Por conseguinte o Papa Francisco fala-nos do seu grande desejo para estes tempos difíceis: *"Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: «Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos».... Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos" (Fratelli Tutti, 8).*

O que devemos esperar que ocorra para reconhecer que precisamos uns dos outros? Porque é que situações extremas na vida, velhice, doença, pandemias ou outro tipo de situações são necessárias para começarmos a olhar à nossa volta, darmos conta de que não estamos sozinhos, para nos deixarmos ajudar e ajudarmos os outros? Quando daremos o passo para ser "fraternos"?

### *Na Escola de S. José*

Penso que foi nas repetidas festas de São José na minha paróquia de origem que tive pela primeira vez a sensação de que, SIM, a fraternidade existe. Havia tantas pessoas unidas em torno do mesmo propósito, todas assumindo responsabilidades específicas e, ao mesmo tempo, ajudando outras a fazer o seu. Na minha vida, pouco a pouco, fui relacionando essa experiência com outras realidades sociais, eclesiais e congregacional.

O ano dedicado à proteção de S. José e a solenidade de 19 de março fazem-me recordar os Religiosos Irmãos porque S. José é o seu patrono. Dirijo-me hoje a ele para lhe pedir que proteja os nossos Irmãos e que, sob o seu patrocínio, possamos ter novos candidatos a Religiosos Irmãos na Companhia de Maria.

A primeira escola de Jesus de Nazaré foi a casa e os seus primeiros professores foram, certamente, S. José e a Virgem Maria. Além do que já sabemos sobre a vida do nosso santo, o S. José dos sonhos, o homem justo, é invocado como o protetor das famílias.

"Sabemos que era um humilde carpinteiro (cf. Mt 13, 55), desposado com Maria (cf. Mt 1, 18; Lc 1, 27); um «homem justo» (Mt 1, 19), sempre pronto a cumprir a vontade de Deus manifestada na sua Lei (cf. Lc 2, 22.27.39) e através de quatro sonhos (cf. Mt 1, 20; 2, 13.19.22). Depois duma viagem longa e cansativa de Nazaré a Belém, viu o Messias nascer num estábulo, «por não haver lugar para eles» (Lc 2, 7) noutra sítio. Foi testemunha da adoração dos pastores (cf. Lc 2, 8-20) e dos Magos (cf. Mt 2, 1-12), que representavam respetivamente o povo de Israel e os povos pagãos" (Patris Corde, Introdução).

Aquilo que foi publicado em 1982 na revista *Scripta Theologica* sobre a figura de São José é muito interessante e pode ser útil para nós:

"No Oratório de São José, em Montreal, de 14 a 21 de setembro de 1980, reuniram-se vários estudiosos das diversas áreas da investigação teológica para elaborar, dando continuidade a uma tarefa que já leva 25 anos num programa conjunto, a história da devoção e a teologia de São José.

A parte central do Simpósio, contudo, foi ocupada pelo estudo do extraordinário fenómeno da propagação da devoção a S. José no século XVII. Esta devoção, como sabemos, foi fomentada principalmente pelos dois ramos dos Carmelitas, a que se juntaram outras congregações religiosas - jesuítas, franciscanos, capuchinhos, teatinos, cistercienses - por toda a Europa e América. Nesta difusão influenciou sem dúvida a devoção popular, com as suas próprias manifestações: práticas piedosas (práticas das "coroas", das "dores e alegrias", celebrações de festas com a ostentação típica do barroco), e a fundação de muitas confrarias, com a sua dupla vertente de difusão do culto e de beneficência entre os confrades e para com os outros. Mas, por baixo da devoção popular, este culto foi reforçado através de uma pregação laudatória de notável base teológica e pela formação de uma literatura sobre temas josefinos cada vez mais solidamente fundamentada.

Vale também a pena recordar que, como conclusão do III Simpósio Internacional sobre São José, foram lidos os seguintes desejos e resoluções, fruto destas reuniões de estudo: *pedir à Santa Sé que restitua a São José nos livros litúrgicos o título que já tinha como Padroeiro da Igreja Universal, e que a sua menção na Santa Missa não seja reservada apenas à primeira anáfora ou Cânone Romano, mas seja alargada a todas as anáforas aprovadas do Novo Missal Romano. É necessário continuar a estudar, na linha especulativa definida pelo Concílio Vaticano II, a figura de São José no quadro do Mistério de Cristo e da sua Igreja, para fundamentar e sustentar seriamente a devoção popular ao Santo Patriarca, sem esquecer que, para o fazer, é necessário ter em conta precisamente as manifestações desta religiosidade*

popular (festas e práticas devocionais, confrarias, literatura, iconografia...)” (Revista *Scripta Theologica* 14 - 1982).

É precisamente no contexto da celebração do 150º aniversário da declaração de São José como Padroeiro Universal da Igreja que o Papa Francisco, na Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria, a 8 de dezembro de 2020, escreveu a Carta Apostólica *Patris Corde*. Quanta alegria no coração de muitos cristãos devotos de São José!

Os aspectos da vida e vocação de S. José abordados pelo Papa Francisco fazem-nos aumentar a nossa admiração e devoção pelo santo. Considerando que o tema principal desta carta é a "*Fraternidade Monfortina*", partilho convosco alguns pensamentos a partir do tema "*Pai no acolhimento*", presente na referida Carta Apostólica.

Como São José, um religioso monfortino deveria ser um especialista na arte do acolhimento fraterno. Claro que, quando "acolhemos" a vocação à vida consagrada monfortina, como caminho para a santidade, assumimos o estilo de vida comunitária como parte integrante do nosso carisma e espiritualidade.

A comunidade fraterna tem de ser o lugar de encontro, de oração, de escuta e, nos momentos mais difíceis da vida, quando circunstâncias históricas complicadas nos caem em cima, a comunidade deve ser o lar onde podemos contar com um abraço amigo e com algumas palavras que nos elevem o ânimo e a esperança.

A comunidade, com os seus gestos e palavras, ajuda-nos a recordar a experiência de vida de S. José, a vivência da espiritualidade de acolhimento. A este respeito, diz o Papa Francisco:

*“Na nossa vida, muitas vezes sucedem coisas, cujo significado não entendemos. E a nossa primeira reação, frequentemente, é de desilusão e revolta. Diversamente, José deixa de lado os seus raciocínios para dar lugar ao que sucede e, por mais misterioso que possa aparecer a seus olhos, acolhe-o, assume a sua responsabilidade e reconcilia-se com a própria história.... A vida espiritual que José nos mostra, não é um caminho que explica, mas um caminho que acolhe”* (Patris Corde, 4).

Na "*escola de São José*", o religioso monfortino aprende a manter a coragem e a esperança nos momentos em que tudo parece impossível:

*"José não é um homem resignado passivamente. O seu protagonismo é corajoso e forte. O acolhimento é um modo pelo qual se manifesta, na nossa vida, o dom da fortaleza que nos vem do Espírito Santo....O que Deus disse ao nosso Santo – “José, Filho de David, não temas...” (Mt 1, 20) –, parece repeti-lo a nós também: “Não tenhais medo!” É necessário deixar de lado a ira e a desilusão para – movidos não por qualquer resignação mundana, mas com uma fortaleza cheia de esperança – dar lugar àquilo que não escolhemos e, todavia, existe. Acolher a vida desta maneira introduz-nos num significado oculto. A vida de cada um de nós pode recomeçar miraculosamente, se encontrarmos a coragem de a viver segundo aquilo que nos indica o Evangelho. E não importa se tudo parece ter tomado já uma direção errada, e se algumas coisas já são irreversíveis. Deus pode fazer brotar flores no meio das rochas. E mesmo que o nosso coração nos censure de qualquer coisa, Ele «é maior que o nosso coração e conhece tudo” (1 Jo 3, 20) (Patris Corde, 4).*

Na "*escola de São José*", o religioso monfortino aprende que ninguém pode ser excluído, especialmente os mais vulneráveis:

*"O acolhimento de José convida-nos a receber os outros, sem exclusões, tal como são, reservando uma predileção especial pelos mais frágeis, porque Deus escolhe o que é frágil (cf. 1 Cor 1, 27), é «pai dos órfãos e defensor das viúvas» (Sal 68, 6) e manda amar*

*o forasteiro. Posso imaginar ter sido do procedimento de José que Jesus tirou inspiração para a parábola do filho pródigo e do pai misericordioso (cf. Lc 15, 11-32) (Patris Corde, 4).*

### ***A vida fraterna só é possível se é comunhão de santos e pecadores***

Acho a reflexão do Padre Giovanni Bigoni tão oportuna que, depois de tê-lo consultado, partilho-a com vocês quase na sua totalidade.

"O livro do Padre Amadeo Cencini - *Vida Fraterna* - oferece-nos algumas reflexões que nos podem ajudar e penso que seja importante partilhar. Ele escreve que a vida fraterna é o primeiro espaço para a renovação da vida consagrada: *a comunidade é o lugar estratégico, caminho e coração desta renovação*. Ninguém se salva sozinho, nem se santifica sozinho. Tal como uma pessoa sozinha não pode gerar, a renovação da vida religiosa só pode ser fruto de um trabalho comunitário.

A vida consagrada só se salva levando a sério as raízes e as condições que tornam possível a comunhão. Entre tantas indicações a considerar, gosto da seguinte: Uma comunidade renovada é aquela que aprende e ensina a participar nela, a fé e a oração. Trata-se da "partilha" como estilo de vida que leva a comunidade a projetar-se sempre à luz do Evangelho e do carisma. No início, no fim e no coração de toda a comunhão fraterna está sempre a comunhão com Deus. Este é o nosso primeiro compromisso.

Viver com pessoas que não escolhi, aceitar totalmente a realidade do outro, não é algo espontâneo, só pode ser fruto da experiência de ser aceite plenamente e totalmente por Deus. É a experiência pessoal de diálogo constante com Deus que abre à comunhão com os irmãos. A vida fraterna só é possível se for uma comunhão de santos e pecadores, mas isto só pode nascer da comunhão com Deus, santo e rico em misericórdia, o que significa um caminho de conversão que nasce da consciência do próprio pecado e da experiência da ternura de Deus.

### ***A força do carisma***

Mas o cimento de todo o projeto comum de consagração está no chamamento de Deus que é idêntico para todos porque está em referência a um mesmo carisma e se orienta para um mesmo modo de ser, de rezar, de viver a fraternidade, de fazer apostolado, incluindo para a mesma identidade e o mesmo projeto de santidade.

A comunidade religiosa é a sede e o ambiente natural do processo de crescimento de todos, onde cada um é responsável pelo crescimento do outro. O carisma é uma forma qualificada de nos santificarmos juntos. É o itinerário que a Providência de Deus traçou para mim, é a minha forma de realizar-me na santidade.

### ***O que nos diz Montfort?***

Montfort queria uma pequena e pobre companhia, "*liberos*" missionários, verdadeiros filhos de Maria. Ele nos oferece uma espiritualidade, um caminho particular de santidade que é o coração da nossa vida monfortina. Um carisma que oferece caminhos para construir juntos um projeto de santidade. Somos chamados a aprofundar, a viver, a partilhar estes caminhos. Esta é a nossa vocação, a nossa primeira tarefa, a força da nossa missão. A fraternidade é o espírito da companhia e a sua origem é a comunhão trinitária.

É belo encontrar-se com um santo, mas é ainda mais belo encontrar-se com uma comunidade de santos, de irmãos que vivem juntos e procuram santificar-se juntos, propondo a todos um modelo comum e imitável de santidade.

A Eucaristia que celebramos todos os dias faz de nós um só corpo em Cristo e fortalece-nos para sermos pão partido para os irmãos e para o mundo faminto. Que o compromisso da

comunhão fraterna nos disponha todos os dias a celebrar e a renovar em Cristo a nossa entrega aos irmãos com a ajuda de Maria".

Muito obrigado ao P. Giovanni por tão atual, necessária e bela reflexão sobre o tema da comunidade fraterna.

*A oração do Papa Francisco a S. José no final da Carta Apostólica*

Recorramos à proteção de São José; rezemos-lhe por todos os membros da família monfortina, especialmente pelos Religiosos Irmãos e em particular pelos que estão doentes. Rezemos pelos jovens sacerdotes monfortinos que estão a atravessar alguma crise, especialmente por aqueles que sofrem quando se dão conta da escassa coerência de vida dos religiosos mais velhos e por isso chegam a duvidar da sua identidade monfortina.



*Salve, guardião do Redentor  
e esposo da Virgem Maria!  
A vós, Deus confiou o seu Filho;  
em vós, Maria depositou a sua confiança;  
convosco, Cristo tornou-Se homem.*

*Ó Bem-aventurado José,  
mostrai-vos pai também para nós  
e guiai-nos no caminho da vida.  
Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem,  
e defendei-nos de todo o mal.  
Amém.*



  
P. Luiz Augusto STEFANI, SMM  
Superior Geral